

VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UMA ANÁLISE DO PERFIL DAS VÍTIMAS E AGRESSORES

Lilian Marques Sobrosa¹

Sheila Kocourek²

Resumo:

O abuso sexual infantil deixa muitas sequelas à vítima, tanto imediatas quanto a longo prazo, como danos físicos e psicológicos, por vezes, irreparáveis. Esse tipo de violência é permeada por tabus e silêncio se constituindo como um fenômeno complexo e polissêmico. Na maioria das vezes, esse tipo de violência é praticada por familiares ou pessoas próximas à família. Para a realização deste estudo, fez-se uma revisão bibliográfica sobre a temática da violência sexual contra crianças e adolescentes. Além disso, realizou-se uma coleta de dados no Núcleo de Vigilância do Hospital Universitário de Santa Maria, que é referência regional no atendimento a crianças e adolescentes vítimas de violência. Para esta pesquisa, foram coletadas as informações de 33 notificações compulsórias, registradas no SINAN pelos profissionais de saúde do HUSM, durante o ano de 2017. Este estudo, porém, teve como foco os dados do perfil das vítimas e o perfil das pessoas que perpetraram a violência. A pesquisa demonstrou que a violência sexual contra crianças e adolescentes é uma realidade da nossa sociedade. Além disso, ela é vivenciada, predominantemente, por meninas, sendo cometida, majoritariamente por homens próximos a vítima. Portanto, evidencia-se a necessidade de fomentar políticas que compreendam o abuso sexual infantil também a partir de questões de gênero. O estudo sobre a violência infantil pode contribuir no aperfeiçoamento do atendimento às vítimas e na elaboração de ações de qualificação profissional e de combate a esse tipo de violência.

Palavras-chave: Violência sexual infantil, gênero

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UMA ANÁLISE DO PERFIL DAS VÍTIMAS E AGRESSORES

¹ Aluno de graduação. lilianms91@gmail.com. Autor principal

² Docente. sheilakocourek@gmail.com. Orientador

VIOÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UMA ANÁLISE DO PERFIL DAS VÍTIMAS E AGRESSORES

1 INTRODUÇÃO

A violência sexual, assim como a violência de modo geral, perpassa gerações e atinge a sociedade como um todo e, por isso, é considerada um fenômeno social e um problema de saúde pública. Esse tipo de violência é permeada por tabus e silêncio se constituindo como um fenômeno complexo e polissêmico. O abuso sexual infantil deixa muitas sequelas à vítima, tanto imediatas quanto a longo prazo, como danos físicos e psicológicos, por vezes, irreparáveis. Segundo a Organização Mundial da Saúde - OMS o abuso sexual infantil pode ser definido como

Todo envolvimento de uma criança em uma atividade sexual na qual não compreende completamente, já que não está preparada em termos de seu desenvolvimento. Não entendendo a situação, a criança, por conseguinte, torna-se incapaz de informar seu consentimento. São também aqueles atos que violam leis ou tabus sociais em uma determinada sociedade. O abuso sexual infantil é evidenciado pela atividade entre uma criança com um adulto ou entre uma criança com outra criança ou adolescente que pela idade ou nível de desenvolvimento está em uma relação de responsabilidade, confiança ou poder com a criança abusada. É qualquer ato que pretende gratificar ou satisfazer as necessidades sexuais de outra pessoa, incluindo indução ou coerção de uma criança para engajar-se em qualquer atividade sexual ilegal. Pode incluir também práticas com caráter de exploração, como uso de crianças em prostituição, o uso de crianças em atividades e materiais pornográficos, assim como quaisquer outras práticas sexuais. (WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO, 2003)

Na maioria das vezes esse tipo de violência é praticada por familiares ou pessoas próximas à família. Logo, a violência familiar, que envolve membros de uma mesma família extensa ou nuclear, levando em conta consanguinidade e a afinidade, ocorre mais frequentemente no interior do domicílio (SAFFIOTI, 2004).

Segundo o boletim epidemiológico, referente ao período de 2011 até 2017, divulgado pelo Ministério da Saúde do Brasil em junho de 2018, a violência sexual contra crianças e adolescentes aumentou. Dentre as notificações de violência sexual cometidas, 31,5% eram contra crianças e 45% eram contra adolescentes. A maioria das ocorrências ocorreu dentro de casa e os agressores são, majoritariamente, do sexo masculino e pessoas do convívio das vítimas, geralmente familiares que exercem alguma forma de poder ou de dependência sobre a vítima. É importante destacar que, em ambos os cenários, a maior parte das vítimas são meninas, correspondendo a 74,2% entre as crianças e 92,4% entre os adolescentes.

Logo, percebe-se a relação de gênero intrínseca a esse tipo de violência que enquanto violência doméstica – ocorrendo principalmente dentro de casa – é também violência de gênero, pois admite o estabelecimento de um domínio sobre os seres humanos situados no território do patriarca, não havendo dúvidas que existem hierarquias, nas quais, na maioria das vezes, é o homem que exerce dominação sobre a mulher e as crianças (SAFFIOTI, 2004).

Através das notificações de violência, inseridas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), é possível verificar os dados completos das violências registradas pelos profissionais da área da saúde. Por isso, o SINAN torna-se uma estratégia imprescindível para a coleta de dados sobre a violência. Este estudo, portanto, objetivou analisar o perfil das crianças e adolescentes que sofreram violência sexual e das pessoas que praticaram o ato violento, através da coleta de dados das notificações de violência emitidas

pelo Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM), no período de janeiro a dezembro de 2017.

2 METODOLOGIA

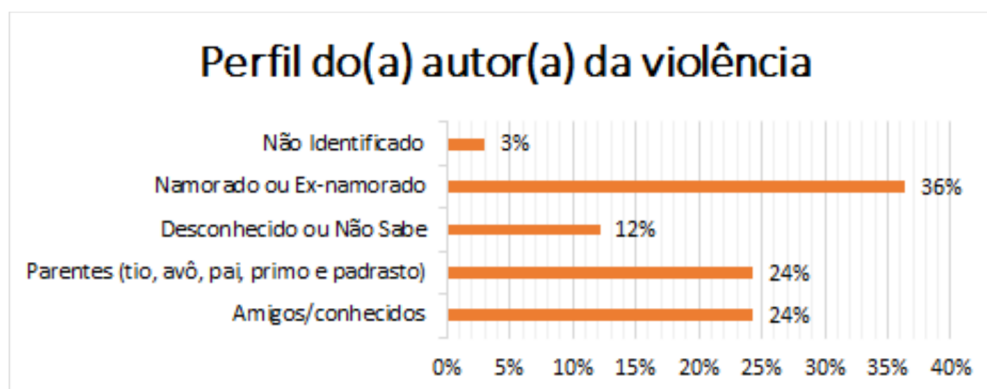
Para a realização deste estudo, fez-se uma revisão bibliográfica sobre a temática da violência sexual contra crianças e adolescentes. Além disso, realizou-se uma coleta de dados no Núcleo de Vigilância do Hospital Universitário de Santa Maria, que é referência regional no atendimento a crianças e adolescentes vítimas de violência. Para esta pesquisa, foram coletadas as informações de 33 notificações compulsórias, registradas no SINAN pelos profissionais de saúde do HUSM, durante o ano de 2017.

A ficha de notificação contém dados da pessoa atendida, residência, dados da ocorrência, tipo de violência, características da violência, consequências da violência, dados do provável autor da agressão, evolução e encaminhamento. Este estudo, porém, teve como foco os dados do perfil das vítimas e o perfil das pessoas que perpetraram a violência. Por isso, apenas estes dados foram coletados e descritos para, ao final, confrontá-los com a bibliografia existente sobre a temática.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo sobre a violência sexual infantil é importante para elevar a discussão sobre a temática e fomentar a criação de estratégias de prevenção e minimização dessa violência. Por isso, o objetivo deste trabalho foi coletar e analisar os dados das fichas de notificação de violência contra crianças e adolescentes do ano de 2017, descrevendo os perfis das vítimas e das pessoas que cometeram a violência.

Os dados coletados sobre o perfil das vítimas vão de encontro com a realidade nacional, pois indicam que a maior parte das vítimas de violência sexual eram meninas, correspondendo a 91% das notificações. Da mesma forma, o perfil das pessoas que cometeram a violência também reflete a realidade brasileira. Os dados analisados nas fichas de notificação de violência do Hospital Universitário de Santa Maria demonstram que, majoritariamente, são homens os agressores e, em geral, são próximos à vítima. Pode-se perceber, conforme gráfico abaixo, que apenas 12% dos autores da violência são desconhecidos.



Fonte: da autora, 2018.

No Brasil, de acordo com o levantamento epidemiológico do Ministério da Saúde referente ao período de 2011 até 2017, mais de 80% dos autores eram do gênero masculino, tanto nos casos de abuso sexual contra crianças quanto nos casos de abuso sexual contra

adolescentes. Percebe-se, então, a necessidade de problematizar e analisar criticamente essa realidade local e nacional.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, após a promulgação da Constituição Federal de 1988, intitulada Constituição Cidadã, e a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, houve um grande avanço quanto aos direitos das crianças e adolescentes. A proteção integral dos direitos das crianças e adolescentes torna-se um dever da família, da sociedade e do Estado. No entanto, percebe-se que os casos de abuso sexual infantil não deixaram de ocorrer. A pesquisa demonstrou que a violência sexual contra crianças e adolescentes é uma realidade da nossa sociedade. Além disso, ela é vivenciada, predominantemente, por crianças do gênero feminino, evidenciando a necessidade de fomentar políticas que compreendam o abuso sexual infantil também a partir de questões de gênero.

Entretanto, a escassez de dados acerca do tema ainda é uma realidade e constitui um enorme obstáculo tanto para a realização de pesquisas quanto para a formulação de políticas. Por isso, é preciso aperfeiçoar os mecanismos de notificação e de centralização de dados no que se refere, principalmente, a violência sexual infantil para seu combate e prevenção.

Para além de um problema de saúde pública, a violência sexual infantil é também um fenômeno social. Portanto, o estudo sobre a violência infantil pode contribuir no aperfeiçoamento do atendimento às vítimas e na elaboração de ações de qualificação profissional e de combate a esse tipo de violência.

REFERÊNCIAS

REGADAS, Tatiana. Maioria dos casos de violência sexual contra crianças e adolescentes ocorre em casa; notificações aumentaram 83%. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/maioria-dos-casos-de-violencia-sexual-contras-criancas-e-adolescentes-ocorre-em-casa-notificacao-aumentou-83.ghtml>> Acessado em: 10 de set. 2018.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado, violência*. 1ªed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. (Organização Mundial da Saúde) Documentos e publicações da Organização Mundial da Saúde. Geneva, 2003. Disponível em: <http://www.who.int/topics/child_abuse/en/> Acessado em: 10 de set. 2018.